1/1/2026

PUBLICAÇÕES BIBLICAS BEREIANAS

Luz Para a Caminhada Cristã

Clavio J. Jacinto|

Luz Para a Caminhada Cristã

C. J. Jacinto

Artigos organizados neste livreto:

Discursos Duros e Firmeza na Fé
A Imagem de Cristo em Nós

A IGREJA: O CORPO DE CRISTO

Vida Cristã e Discernimento

Discursos Duros e Firmeza na Fé

Uma das passagens mais notáveis e significativas do Evangelho de João encontra-se no capítulo 6, onde Jesus profere um discurso

que o compara ao maná. Ele se apresenta como o pão que desceu do céu, utilizando essa metáfora para elucidar sua própria natureza. Alguns de seus discípulos, ao ouvirem o discurso, mostraram-se perturbados. Em João, capítulo 6, versículo 60, lemos: "Muitos, pois, dos seus discípulos, ouvindo isto, disseram: Duro é este discurso; quem o pode ouvir?". No versículo 66, acrescenta-se: "Por isso, muitos dos seus discípulos voltaram atrás e já não andavam com ele".

Essa passagem do Evangelho de João evoca uma reflexão sobre a advertência de Paulo em 2 Timóteo, capítulo 4, versículos 3 e 4, onde ele adverte: "Porque virá tempo em que não suportarão a sã doutrina; pelo contrário, sentindo coceira nos ouvidos, segundo os seus próprios desejos, se rodearão de mestres e se recusarão a dar ouvidos à verdade, entregando-se às fábulas."

Assim, tanto na passagem de João quanto na de Paulo, evidencia-se um princípio comum: a dificuldade de alguns em aceitar a mensagem de Jesus, especialmente quando esta se apresenta de forma direta e confronta as expectativas individuais. Observa-se a resistência em suportar ensinamentos considerados "duros" e a preferência por interpretações que se alinham com os próprios anseios, em detrimento da verdade revelada nas Escrituras.

Diante da declaração de Cristo, "Dura é esta palavra; quem pode ouvi-la?", os ouvintes demonstravam resistência. Essa reação evidenciava uma superficialidade espiritual, incapaz de aceitar verdades profundas e desafiadoras. A mensagem de Jesus confrontava as tradições e as ideias religiosas estabelecidas sobre o Messias, causando escândalo por sua aparente ousadia e a fragilidade das convicções dos ouvintes.

Analisemos mais detidamente o contexto do discurso de Jesus, a fim de identificar os elementos de sua mensagem que podem ter levado à apostasia de seus discípulos.

Em primeiro lugar, notamos que Jesus empregou uma linguagem impactante, sugerindo, em certos trechos, uma analogia com a prática de canibalismo. Este é o primeiro indício observado em seu discurso.

Em seguida, Jesus se autoproclamou o "pão da vida", comparando-se ao maná do Antigo Testamento.

Adicionalmente, um outro elemento merece atenção: a apresentação de uma exclusividade radical. Jesus declarou ser o único caminho e salvador, afirmando uma verdade absoluta. Este exclusivismo, de certo modo, pode ter sido interpretado como uma afronta por seus ouvintes.

Por fim, consideremos as expectativas messiânicas enraizadas na tradição judaica. O povo esperava um messias político e libertador; contudo, Jesus, em diversos aspectos, apresentava-se de maneira dissonante em relação a essas expectativas sobre o Messias.

A postura de apostasia, observada em certos indivíduos, frequentemente emerge de uma fé superficial e carente de profundidade. Diante das palavras de Jesus, esses indivíduos reagem com repulsa, declarando a inaceitabilidade de seus ensinamentos. Incapazes de tolerar um discurso que consideram rigoroso, optam por abandonar a fé.

Essa dinâmica ressoa nos tempos atuais. Apesar de milhões professarem a fé cristã e aderirem aos ensinamentos evangélicos, muitos se sentem ofendidos quando confrontados com a pregação de doutrinas e ensinamentos de Jesus, conforme revelados nas Sagradas Escrituras. Ao ouvirem tais pregações, expressam o desejo de abandonar a comunidade religiosa, rejeitando o que percebem como uma mensagem severa.

A consequência é a busca por pregadores que ofereçam mensagens mais amenas. Em vez de procurar aqueles que, a exemplo de Jesus, proclamam a verdade de forma clara e direta, mesmo que isso desagrade alguns ouvintes, preferem se afastar de tais ensinamentos.

Não pretendo sugerir que todos os ensinamentos evangélicos sejam árduos. Reconheço a existência de passagens e temas de grande deleite, que merecem ser explorados. Contudo, é fundamental considerarmos também a outra face da questão. Certos trechos das Escrituras apresentam desafios, confrontam-nos e, em determinadas circunstâncias, dependendo de nossa predisposição e maturidade espiritual, podem até mesmo ofender-nos. A ausência de preparação para tais momentos nos assemelha àqueles que, ao ouvirem Jesus Cristo declarar-se o pão da vida e afirmar que Sua carne é verdadeira comida e Seu sangue,

verdadeira bebida, sentiram-se ultrajados. Estes não compreenderam a essência espiritual por trás das palavras do Senhor Jesus Cristo. É imperativo estarmos dispostos a receber os ensinamentos que nos fortalecem na fé. Frequentemente, certos temas nas Escrituras nos desafiam, e é essencial estarmos preparados, pois isso faz parte do nosso progresso espiritual.

Em tempos marcados por um notável afastamento dos valores tradicionais, um declínio moral e espiritual generalizado, o relativismo moral se estabeleceu como uma força dominante, tanto na sociedade quanto em algumas esferas religiosas. Observa-se um enfraquecimento de conceitos fundamentais, como a gravidade do pecado, a compreensão bíblica da rebelião, a natureza do inferno, o respeito a Deus e, por outro lado, o temor reverencial a Ele. Esses valores tradicionais têm sido consideravelmente afetados pela influência do relativismo moral e pelo relaxamento dos padrões morais e espirituais característicos da sociedade pós-moderna.

Paralelamente, surge um novo conceito, o "politicamente correto", que dita o que é aceitável, buscando evitar qualquer forma de ofensa, seja ela direcionada a não crentes ou a cristãos, mesmo que estes últimos possam aderir a uma fé superficial. Discursos que outrora eram considerados firmes e desafiadores, agora são vistos com ressalvas, associados a pregadores impopulares. Existe a preocupação de que tais discursos possam levar ao esvaziamento das igrejas e ao isolamento dos púlpitos, uma vez que muitos fiéis atuais buscam apenas mensagens que lhes agradem.

Considerando as palavras de Paulo na Epístola aos Romanos, capítulo 16, versículos 17 e 18, somos exortados a prestar atenção. Ele nos adverte, e essa advertência merece nossa consideração: "Rogo-vos, irmãos, que noteis os que promovem dissensões e escândalos contra a doutrina que aprendestes; desviai-vos deles. Porque os tais não servem a Cristo, nosso Senhor, mas ao seu próprio ventre; e com suaves palavras e lisonjas enganam o coração dos incautos."

Não causa surpresa que indivíduos descrentes se sintam ofendidos e, por vezes, critiquem as posições de um pregador

ortodoxo que valoriza e professa fielmente a doutrina, expondo tanto os aspectos consoladores quanto os ensinamentos mais exigentes do Evangelho. Recentemente, ouvi o relato de uma pessoa não cristã que, após participar de um culto em determinada igreja, manifestou críticas ao pregador, em virtude de sua abordagem franca sobre o divórcio e o novo casamento. A mensagem, embora incisiva, refletia a verdade.

Independentemente disso, quando Deus designa um pregador para proclamar a verdade e defender princípios absolutos, inevitavelmente haverá reações diversas por parte da audiência. Alguns acolherão a mensagem, assemelhando-se aos discípulos que aceitaram os ensinamentos de Jesus, enquanto outros a rejeitarão, como aqueles que, confrontados com a severidade de suas palavras, optaram por não segui-lo.

Observamos, todavia, passagens relevantes que abordam a vida fundamentada no Evangelho, uma espiritualidade estável e resiliente. Tais reflexões emergem quando Jesus, no Sermão da Montanha, compara o homem prudente e o homem imprudente. A narrativa do homem prudente, que edifica sua casa sobre a rocha, ressalta a importância da solidez. A rocha, por sua natureza resistente e duradoura, simboliza a firmeza. Dessa forma, compreendemos que as palavras que nos confortam e aquelas que nos confrontam cumprem funções distintas, porém complementares. Ambas são essenciais. Aquele que busca apenas o consolo, mas evita as verdades que desafiam, demonstra fragilidade. Ilustra-se essa dualidade com a metáfora do trigo e do joio.

Considerando a reflexão sobre os ensinamentos, observemos a seguinte passagem: Paulo, referindo-se aos tempos vindouros, declara que haverá um período em que as pessoas não tolerarão a doutrina que conduz à saúde espiritual. Em vez disso, impulsionadas por seus próprios desejos e anseios, buscarão mestres que se ajustem às suas inclinações pessoais. Desviarão, então, os ouvidos da verdade, voltando-se para narrativas fantasiosas.

É crucial notar que a incapacidade de aceitar a sã doutrina

conduzirá inevitavelmente à busca por ensinamentos que agradem à própria consciência e, subsequentemente, ao afastamento da verdade.

Amado(a) irmão(ã), não desvie seu coração da verdade. Esteja sempre receptivo(a) a ela. Que sua resposta seja de plena concordância. Se a mensagem for desafiadora, reconheça que o Senhor está falando ao seu coração. É imperativo que identifiquemos áreas em nossas vidas que necessitam de transformação. Muitas vezes, precisamos enfrentar situações que nos confrontem, pois isso é essencial para o nosso crescimento e amadurecimento espiritual.

Consideremos agora passagens igualmente notáveis àquela que Paulo escreveu em 2 Coríntios, capítulo 13, versículo 5, onde ele nos admoesta a examinar nossa fé e a nos provarmos. É imperativo que façamos isso. Frequentemente, a pregação serve como um espelho, revelando nossa condição espiritual. De certa forma, quem se sentirá ofendido, senão o hipócrita? Contudo, o indivíduo sincero se sentirá tocado. Ele fará as necessárias correções em sua vida, pois essa é a motivação do Espírito Santo ao inspirar um pregador a abordar aspectos que necessitam ser aprimorados em nós. O essencial é que, diante de tal discurso, respondamos com a palavra "amém", pois, acima de tudo, o Senhor deve ser louvado. O Deus vivo e verdadeiro nos falou através de um pregador que é seu servo.

Essa é uma verdade que desejo reiterar: o crente que edifica sua fé sobre a rocha encontra fundamento inabalável e firmeza. Dessa forma, o verdadeiro crente busca apenas o que agrada a Deus, e não a si mesmo.

O oposto em questão demonstra superficialidade. O falso cristao busca apenas coisas superficiais Seus desejos se restringem ao que lhe proporciona prazer imediato, visando apenas satisfazer e nutrir os impulsos egoístas, embora disfarçados por uma fachada religiosa.

O que me atrai a atenção é a afirmação de Paulo sobre a futura aversão à sã doutrina. Ele previu tempos em que as pessoas não mais suportariam a doutrina, e, de fato, observamos atualmente um cristianismo que, em certa medida, se tornou relativizado e genérico. Como exemplo, a palavra "evangélico" pode, hoje,

abranger uma vasta gama de crenças e práticas religiosas. Ao confrontar o cenário contemporâneo com a Palavra de Deus e pregar certas doutrinas consideradas "difíceis" para o tempo presente, como, por exemplo, a condenação eterna e o lago de fogo, podemos questionar: como reagiriam a maioria dos cristãos atuais, em igrejas pós-modernas, diante de uma pregação temática e profunda sobre tais assuntos? Como seria a resposta à exposição contínua e autoritária, conduzida por um pregador inspirado, dessas doutrinas, incluindo a doutrina da danação eterna e a doutrina do inferno?

Não seria essa uma doutrina especialmente incômoda em nossa época, a ponto de ser evitada, assim como outras? Observa-se, em diversos contextos, uma atenuação do conceito de pecado, muitas vezes influenciada pela psicologia, visando minimizar a sua gravidade. A palavra "pecado" tem sido, em alguns casos, substituída por termos menos impactantes, como, por exemplo, "problemas".

Conforme Paulo previu, vivenciamos atualmente um período que confirma suas palavras. Chegará um tempo, e esse tempo se manifestou de maneira clara, resultando em uma reavaliação do cristianismo, uma reformulação do que é pregado publicamente. Diante das pressões do mundo, que em certa medida tem criminalizado algumas doutrinas cristãs, como as expostas por Jesus no capítulo 6 de João, a pregação se vê desafiada. Jesus enfatizou o acesso exclusivo à salvação através dele, uma mensagem presente em todo o Novo Testamento. Os apóstolos seguiram esse ensino, e hoje, a afirmação da exclusividade de Jesus, a menção ao inferno, a condenação da idolatria e a crítica à homossexualidade são frequentemente vistas como ofensivas, não apenas pela sociedade secular, mas também por alguns grupos cristãos. Essas doutrinas, antes centrais, são agora categorizadas como fundamentalistas, num contexto de rejeição a essas posturas e à defesa apologética dos princípios fundamentais do cristianismo, especialmente em uma sociedade pós-cristã.

Consequentemente, não é surpreendente que a postura da maioria dos professores cristãos contemporâneos favoreça igrejas com características pós-modernas marcantes, com destaque para a incorporação de elementos da psicologia, da filosofia e de

aspectos seculares ao cristianismo. O objetivo, aparentemente, é atenuar a mensagem cristã, transformando-a em algo mais palatável, que promova a aceitação passiva em detrimento da reflexão crítica.

Adicionalmente, observa-se a ascensão de um culto contemporâneo, caracterizado pela música e por uma teologia de adoração que enfatiza as emoções. Esta teologia se desenvolveu a partir do movimento carismático, que utiliza a música como um meio para experimentar a presença divina. É notável que, atualmente, muitos cristãos e professores frequentem igrejas que priorizam a música, com longos períodos de cânticos. A música, nesse contexto, serve como um veículo para experiências transcendentais e místicas, frequentemente interpretadas como a manifestação da presença de Deus. Em consequência, a ênfase da fé cristã parece residir primordialmente na satisfação dessas experiências. O culto e a reunião cristã são, assim, reduzidos a essa dimensão. Em tais ambientes, raramente se observa a pregação expositiva, versículo por versículo, de livros como Romanos, pois isso seria considerado inadequado em um contexto que prioriza a experiência sensorial em detrimento do aprendizado. Essa tendência é preocupante e pode ter sérias consequências espirituais.

A Imagem de Cristo em Nós

Em Romanos, capítulo 8, versículo 29, encontramos a declaração de Paulo: "Porquanto, os que dantes conheceu, também os

predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos." Esta passagem bíblica revela o propósito da salvação divina. Ao nos regenerar, o Espírito Santo, por meio do novo nascimento, atua em nosso interior, na dimensão espiritual, promovendo uma transformação que visa nos assemelhar a Jesus Cristo, nosso Senhor e Salvador. Assim, a questão central que emerge é a de Cristo como o modelo da nova criação. Ao analisarmos o grego koiné, idioma no qual o Novo Testamento e a Epístola aos Romanos de Paulo foram originalmente redigidos, deparamo-nos com o termo "eikón", que significa "imagem" ou "semelhança", como em um espelho, representando uma reprodução fiel. Observamos, portanto, que o ser humano, sujeito ao pecado, passa por um processo de renovação, uma transformação espiritual que o molda à imagem de Cristo, assemelhando-o a Ele em caráter e virtudes. Podemos aprofundar a reflexão sobre o tema, considerando que "Eikon" pode aludir a um design de alta precisão que emana da fonte original. Nesse sentido, o Espírito Santo atua para edificar em nós a imagem e as virtudes de Cristo, de modo que o propósito e o resultado final seja a transformação completa, a glorificação e a conformidade à imagem de nosso Senhor Jesus Cristo. É importante ressaltar que esse processo se inicia com a conversão e o novo nascimento. Por isso, é fundamental que cresçamos em graça e conhecimento, permitindo que o Espírito Santo realize essa obra em nós, enquanto vivemos. Assim, aqueles que nos observam, por meio de nosso comportamento e testemunho, poderão contemplar Cristo em nós. Isso ecoa a declaração de Paulo em Romanos 8:29 e sua afirmação em outra passagem: "Já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim." Ao ler, estudar e pesquisar sobre a vida moral e espiritual de Nosso Senhor Jesus

Cristo, reconhecemos a presença das mais elevadas virtudes, tanto morais quanto espirituais. Ansiamos por essas mesmas qualidades em nós. Ao seguir os passos de Cristo, onde quer que Ele vá, moldamos nossa vida à Sua imagem. Todo o processo dinâmico, a obra do Espírito Santo, manifesta-se no homem renovado em verdadeira sabedoria e santidade, a fim de que a expressão viva de Cristo se revele em nós. Assim, desfrutamos não apenas da vida da ressurreição de Cristo, mas também da comunhão com Deus e de Suas características espirituais. Em conclusão, o fundamento de nossa identidade reside na união com Cristo, na posse de todas as coisas em Cristo e na conformação a Cristo. Ele é o centro, e, portanto, o homem renascido, que experimentou a regeneração, será totalmente cristocêntrico, guiando-se pelos princípios do Evangelho. Devemos, portanto, atentar para essas características em nossa vida. Somos aperfeiçoados diariamente pelo Espírito Santo, para que a imagem de Cristo se manifeste e se desenvolva em nós. Caminhamos nessa direção, como o apóstolo Paulo nos ensina em Efésios 1:10: "De reunir em Cristo todas as coisas, tanto as que estão nos céus como as que estão na terra." Os cristãos lideram esse movimento de centralizar todas as coisas em Jesus Cristo. A igreja, na terra, é a expressão do corpo de Cristo, e cada cristão reflete a pessoa de nosso Senhor Jesus Cristo. Amém.

A IGREJA: O CORPO DE CRISTO

A doutrina da Igreja como Corpo de Cristo encontra-se solidamente fundamentada no Novo Testamento. Apesar

de ser um tema contemporaneamente menos abordado em pregações, discussões e estudos, diversas passagens neotestamentárias a ela se referem. Destaco, a seguir, alguns exemplos: 1 Coríntios 12:12-13, 1 Coríntios 12:27, Romanos 12:4-5, Efésios 1:22-23, Efésios 4:12, Efésios 5:23, Colossenses 1:18 e Colossenses 1:24. Essas passagens clássicas expõem, de maneira clara e inequívoca, a doutrina da Igreja como Corpo de Cristo, demonstrando sua sólida base no Novo Testamento.

Ademais, existem outras passagens que aludem indiretamente ao corpo de Cristo. Por exemplo, em Atos, capítulo 9, versículos 4 e 5, narra-se a aparição de Jesus a Paulo. A pergunta "Saulo, Saulo, por que me persegues?", revela que, ao perseguir a Igreja, Paulo estava, em última instância, perseguindo o próprio Senhor.

Compreendamos, então, um ponto crucial: no contexto do Novo Testamento, nem Jesus nem os apóstolos apresentaram a Igreja como uma instituição ou organização. Em vez disso, a Igreja é descrita como um corpo, com múltiplos membros unidos a uma cabeça, um líder. A Igreja de Cristo possui apenas uma cabeça, um líder: o Senhor Jesus Cristo. Nenhum outro fundamento pode ser estabelecido além daquele já posto; a Igreja é, portanto, um corpo. Cada cristão regenerado, nascido de novo, é transferido de um corpo social adâmico para o corpo espiritual de Cristo. Quando a Sagrada Escritura afirma que a Igreja é o corpo de Cristo, essa afirmação

não deve ser interpretada literalmente. Trata-se de uma figura de linguagem, que, no entanto, encerra uma profunda realidade espiritual. Recorde-se que, quando Saulo perseguia a Igreja, Jesus expressou sua indignação, afirmando que Paulo estava perseguindo a Ele. Desse modo, as implicações espirituais possuem seu próprio nível de realidade, conforme a esfera celestial. Compreendamos, então, de uma vez por todas, que a Igreja no Novo Testamento não é uma instituição, mas um organismo vivo, espiritualmente ativo, que manifesta a vida de Cristo. Podemos entender isso com mais clareza ao considerar as palavras de Jesus sobre a videira verdadeira e os ramos a ela ligados. A figura da videira é um exemplo didático empregado pelo Senhor Jesus para nos auxiliar na compreensão dessa questão.(Lembre-se se que não debatendo acerca de legitimidade denominacional, mas abordando acerca da natureza bíblica da Igreja de Cristo)

Lamentavelmente, muitos cristãos não percebem a natureza espiritual e real da igreja, todas as vezes que ouvem o termo, interpretam equivocadamente o conceito de igreja. Ao mencionar essa palavra, a experiência intelectual desses indivíduos frequentemente evoca a imagem de um edifício, de uma instituição ou de uma organização humana. Contudo, a igreja não se define por estruturas humanas (Organizada por homens); ela representa um organismo divino, a manifestação da

presença de Cristo na Terra. O corpo de Cristo, composto por membros funcionais, tem atuado ininterruptamente ao longo de milênios. Esses membros, ligados a um corpo, possuem funções específicas, determinadas por Cristo, a autoridade máxima. A dinâmica da igreja reside na atuação de seus membros, de modo que a expressão da vida de Cristo se manifesta por meio da atuação dos cristãos dentro desse corpo. Então devo repetir: O corpo de Cristo, que é a igreja, é composto por membros ativos e funcionais que atuam continuamente ao longo da história. Esses membros estão interligados a um corpo único, e cada um possui uma função específica, estabelecida por Cristo, que é a cabeça desse corpo. A dinâmica da igreja se manifesta por meio da atuação de seus membros, de modo que a expressão da vida de Cristo se realiza através da ação dos cristãos dentro desse corpo.

Conforme a minha perspectiva neotestamentária sobre a Igreja, a premissa fundamental é a identidade dela: nós somos a Igreja. Dessa forma, todo indivíduo que permanece unido a Cristo, aquele que experimentou a regeneração espiritual, desfruta de uma união íntima com Ele, de modo que Cristo se manifesta de forma pessoal e real. Cristo é a essência, a Pessoa central em que a Igreja se move e existe. A totalidade da atividade e da ação da Igreja de Cristo visa expressar a vida e o poder de Cristo, revelando ao mundo a Sua presença. Essa é a missão da

Igreja: proclamar Cristo. A Igreja não apenas tem Cristo como centro, mas é o próprio Cristo personificado. Essa afirmação deve ser compreendida em termos espirituais, como uma figura de linguagem, a fim de evitar mal-entendidos. Com o intuito de elucidar este conceito com clareza, desejo apresentar uma visão da Igreja conforme os princípios estabelecidos pelas Escrituras. Ao longo da história do cristianismo, a instituição eclesiástica tem sido, por vezes, associada a episódios de corrupção, escândalos, guerras e até mesmo perseguições. Tais ações, contudo, não podem ser consideradas como reflexos da verdadeira Igreja.

A instituição, embora represente diversas comunidades que se autodenominam cristãs, pode estar sujeita a falhas e desvios. É inegável que algumas dessas instituições e seus líderes estiveram envolvidos em atos repreensíveis, levando-nos a questionar se tais ações podem ser atribuídas ao Senhor e à atuação do Seu corpo. Atualmente, observamos em diversas denominações cristãs, quase sem exceção, casos de corrupção e crimes cometidos em nome da fé. No entanto, essas práticas não podem ser atribuídas aos membros do corpo de Cristo. O verdadeiro corpo de Cristo, seus membros ativos, manifesta a vida e proclama o Evangelho em sua integridade. A manifestação de Cristo no mundo contemporâneo ocorre por meio da Sua Igreja. A função primordial da Igreja é pregar o Evangelho e promover a

salvação. O corpo de Cristo não comete delitos nem se envolve em corrupção generalizada (As falhas e pecados cometidos são pessoais e seguidas de arrependimento constante e verdadeiro). Tais atos são manifestações da sociedade humana, ou seja, do mundo. A Igreja de Cristo, por outro lado, é formada por aqueles que foram regenerados pela obra redentora de Jesus Cristo na cruz do Calvário. A nova aliança, estabelecida através do sacrifício de Cristo, é a base para a compreensão do corpo de Cristo, que uma nova criação e que transcende a mera organização institucional. No Antigo Testamento, a nação de Israel não pode ser comparada ao corpo de Cristo, que é constituído por aqueles que, pela graça, foram transformados pela obra perfeita de Cristo. Considero essencial estabelecer esta norma como base para a conduta ministerial, em consonância com os ensinamentos evangélicos. Ao observarmos a atuação de Cristo, podemos discernir a importância de suas palavras, a profundidade de seu olhar e a relevância de suas ações. Analisando a direção de seus passos, percebemos o movimento do próprio corpo de Cristo, conforme narrado nos relatos históricos dos Evangelhos, que visam nossa edificação.

A Igreja, corpo de Cristo, deve seguir a mesma direção que Ele, refletindo Seus princípios em suas ações e visões. Devemos imitar Cristo em suas obras, reproduzindo seus gestos e ações e empenhando-nos na realização do

mesmo propósito e seguindo os mesmos passos do Cordeiro. Assim, encontramos um modelo que nos permite compreender a função da Igreja de Cristo neste mundo. Na prática, observamos que a manifestação dos membros do Corpo de Cristo pode ser constatada e notada em comunidades cristãs. Nelas, evidencia-se a expressão da vida, do poder, da glória e da presença de Cristo por meio do testemunho e das atitudes dos cristãos. É importante lembrar que as pessoas discernem a santidade, percebendo a irradiação da luz espiritual que a acompanha. Consideremos a mulher sunamita, que, ao observar o comportamento e a postura de Eliseu, declarou ao seu marido que aquele era um homem santo. De modo semelhante, os membros do Corpo de Cristo refletem a santidade e a vida de Cristo, de maneira que aqueles que os observam reconhecem a presença de uma pessoa regenerada, que irradia santidade em sua forma de ser. O livro de Efésios revela importantes verdades sobre a Igreja, a qual o Senhor deseja que seja imaculada e incorruptível, mantendo um funcionamento adequado até o fim dos tempos. Em Efésios 4:16, a descrição da Igreja é apresentada como um corpo, "bem ajustado e ligado pelo auxílio de todas as juntas, segundo a justa operação de cada parte, faz o aumento do corpo, para sua edificação em amor". Paulo, ao mencionar a Igreja, evidencia seu desejo de que ela atue eficazmente neste mundo. É importante ressaltar que a Igreja não deve ser

vista como uma instituição. A palavra "igreja" aparece nos Evangelhos apenas em Mateus 16 e 18, e o tema é amplamente desenvolvido em Atos dos Apóstolos, com aproximadamente 15 menções, além das epístolas e do livro de Apocalipse. Em nenhuma dessas passagens a Igreja é apresentada como uma organização. Portanto, embora a Igreja possa existir em um contexto organizacional, o cristianismo é essencialmente um relacionamento pessoal e uma funcionalidade corporativa, não uma organização. É fundamental esclarecer que a Igreja, em sua essência, não se restringe a denominações ou instituições. Embora as organizações cristãs, por meio de seus pregadores, tradutores da Bíblia e escritores, possam comunicar as verdades do Evangelho, como o arrependimento, a justificação pela fé e a obra redentora de Cristo, é preciso distinguir essa manifestação da própria Igreja, conforme definida no Novo Testamento.

Reconheço a relevância histórica e atual das denominações na propagação do Evangelho. Contudo, ao analisar a escatologia e a promessa da volta de Cristo, como descritas no Novo Testamento, percebemos que Ele retornará para buscar a Sua Igreja. Mas o que isso significa na prática? Significa levar edifícios, templos, altares ou instituições? Não, a Igreja a ser arrebatada é composta por pessoas. Jesus buscará os salvos, os regenerados, aqueles que são genuinamente membros

do corpo de Cristo. Portanto, quando as Escrituras mencionam que a Igreja será levada, referem-se a pessoas – possivelmente pessoas de diversas denominações – e não a estruturas institucionais. A igreja, compreendida como o corpo de Cristo, desfruta de uma relação íntima com o Senhor. Essa mutualidade e reciprocidade são evidentes, conforme Paulo declara em Efésios 5:25-26: "Cristo amou a igreja e a si mesmo se entregou por ela para santificá-la, havendo-a purificado pela lavagem da água, pela palavra." Neste trecho, ressalta-se que a igreja pertence a Cristo, que se entregou por ela para santificá-la e purificá-la. Dessa forma, a igreja, como corpo de Cristo, é composta por todos aqueles que foram salvos por Ele. A obra redentora de Jesus na cruz do Calvário é eficaz para estes, conduzindo-os a fazer parte do corpo de Cristo por meio do novo nascimento. Assim, indivíduos de todas as épocas e lugares, quando reunidos para louvar, compartilhar a fé e adorar ao Senhor, manifestam o corpo de Cristo. Em 1 Coríntios 11:20, Paulo aborda essa dinâmica, mostrando que cada grupo reunido exerce a função de um membro do corpo, expressando a vida, a ressurreição e o poder de Cristo.

Vida Cristã e Discernimento

A verdade, em sua essência mais profunda, manifesta-se na ação. Não se trata meramente de uma adesão intelectual a determinados princípios, mas de uma

realidade que se encarna na prática cotidiana. Agimos conforme aquilo em que verdadeiramente cremos, e é justamente nesse ponto que nossa natureza real se revela. A coerência entre convicção e conduta distingue o homem verdadeiro do hipócrita, pois a fé autêntica jamais permanece confinada ao discurso.

Uma das mais sutis — e ao mesmo tempo mais perigosas — armadilhas espirituais consiste na tentativa de pacificar a consciência diante do erro praticado. Quando o coração se torna insensível, perde-se gradualmente a capacidade de discernir o bem do mal. Essa anestesia moral não apenas corrói as virtudes, mas cria um ambiente propício para que os instintos mais baixos floresçam sem resistência. Onde a consciência é silenciada, o pecado deixa de ser combatido e passa a ser racionalizado.

O verdadeiro êxodo do homem não ocorre por meio de esforço moral ou aperfeiçoamento ético, mas exclusivamente pelo sangue da Nova Aliança. É na obra redentora de Cristo — consumada de forma perfeita e definitiva — que se encontra o fundamento da libertação. Pela Sua morte substitutiva, recebemos vida; pela Sua entrega voluntária, somos arrancados do domínio do pecado. A cruz do Calvário não representa um evento simbólico ou recorrente, mas um ato histórico e eterno, realizado uma vez por todas.

Ao crermos nessa obra suficiente e completa, somos conduzidos para fora do cativeiro da corrupção e introduzidos, pelo poder de Deus, na esfera da nova criação. Trata-se de uma mudança ontológica: deixamos de pertencer ao velho homem e passamos a

viver sob a realidade do Cristo ressurreto. A vida cristã, portanto, não é a tentativa de reformar a carne, mas a expressão de uma nova vida que procede do Espírito.

Em contraste com essa verdade gloriosa, o homem que confia em sua própria bondade como meio de merecimento para alcançar a vida eterna incorre em uma forma sutil de idolatria. Ao colocar a si mesmo como referência última de justiça, ele substitui a graça pela autoexaltação. Tal postura não apenas esvazia a cruz de seu significado, mas revela um coração que ainda não compreendeu a gravidade do pecado nem a suficiência absoluta da obra de Cristo.

Discernimento espiritual, portanto, não é apenas a capacidade de identificar erros externos, mas a disposição humilde de submeter toda a vida à verdade do Evangelho. Onde Cristo é o centro, a consciência é iluminada, a fé se traduz em obediência e a graça se manifesta não como licença para pecar, mas como poder para viver em santidade.

Livreto Grátis: Pequeno Tratado Sobre Idolatria.

https://drive.google.com/file/d/1tIVIZgpXfMtnLkZn3GxawEjTSO7pJqG-/view?usp=drive_link

Livreto: Percepção Espiritual – Como Obter?

https://drive.google.com/file/d/13CTSsmkHYoNQcm1B1ZlxRjl-uhOPUvIQ/view?usp=drive_link

Livreto: Potestades das Trevas Como é e Como Opera

https://drive.google.com/file/d/1y82sTIya-YQRv9cFchmuC6ijHmJn5Fj-/view?usp=sharing

Download Gratis:
https://drive.google.com/file/d/1kdMorWDMZS3uI0SkuHJEv6xGEgnM7owf/view?usp=drivesdk

Acesse

www.heresiolandia.blogspot.com

Milhares de estudos bíblicos para sua edificação e artigos apologéticos para a defesa da fé